

# A posição do verbo independente nas línguas Karíb: questões diacrônicas e tipológicas

(The position of independent verbs in Cariban: diachronic and typological issues)

Frantomé B. Pacheco<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Antropologia – Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

frantome@ufam.edu.br

**Abstract:** This work aims to present some diachronic and typological considerations about the basic word order in Cariban languages. We focus on verb position in relation to its arguments that play the role of subject and object in independent verbal clauses. There seems to be some evidence that word order in proto-Cariban was SOV, also, there are evidences that the discursive use of different word orders, associated with morphological changes in descendant languages, produced rare morphosyntactic patterns. The patterns can be characterized by clauses in which the object occurs in initial position and the verb and its subject after that constituent (OVS).

**Keywords:** Cariban Languages; Word Order; Verb; Typology.

**Resumo:** Este trabalho pretende apresentar algumas questões tipológicas e diacrônicas relativas à ordem básica de constituintes nas línguas Karíb. Nosso enfoque é dado à posição do verbo e de seus argumentos, que desempenham as funções de sujeito e objeto nas orações verbais independentes. Parece haver evidências de que a ordem básica de constituintes na língua Karíb ancestral era SOV e que vários fatores relacionados ao uso discursivo das diferentes ordens, associados à mudança morfológica nas línguas descendentes, produziram padrões raros como construções oracionais nas quais o objeto ocorre na posição inicial da oração, estando o verbo e seu sujeito depois desse constituinte (ou seja, a ordem OVS).

**Palavras-chave:** Línguas Karíb; Ordem de Constituintes; Verbo; Tipologia.

## Introdução<sup>1</sup>

A estimativa do número de membros da família Karíb é de cerca de 30 línguas. No Brasil, são faladas cerca de 21 dessas línguas (cf. RODRIGUES, 1986; GILDEA, 1998; DERBYSHIRE, 1999).

A pesquisa sobre os Universais da Linguagem de Greenberg (1966) atestou em seu levantamento a raridade ou inexistência de línguas OVS e OSV, ou seja, a ordem dominante, tipologicamente, é aquela em que o Sujeito precede o Objeto nas sentenças declarativas com nominais. No entanto, Pullum (1977) afirma a existência de línguas VOS, como o Malgaxe, descrito por Keenan (1976), mas sustenta a inexistência de línguas do tipo OVS e OSV, com objeto iniciando a oração básica.

Os trabalhos de Derbyshire (1977, 1981 e 1985) e Derbyshire e Pullum (1981) confirmam a existência de línguas com Objeto iniciando a oração básica. Apresentam dados que atestam a ordem OVS em sete línguas Karíb. Em trabalhos seguintes, Derbyshire (1981 e 1985) elabora uma proposta explicativa e diacrônica para o desenvolvimento desse tipo de ordem: o que ocorre é o movimento do Sujeito para a posição final da oração

<sup>1</sup> Agradeço as sugestões do Prof. Marcos A. Pereira, parte das quais foram aceitas. Note-se que parte das discussões aqui apresentadas foram realizadas em minha tese de Doutorado (PACHECO, 2001).

e gramaticalização da ordem OVS, estando em sua origem uma ordem do tipo SOV. O parâmetro para sustentar a hipótese do S final é baseado no Malgaxe, que possui como ordem básica VOS (KEENAN, 1976, p. 249). No entanto, resta um problema: essa língua é [VO] com verbo iniciando a oração básica. Note-se que as línguas OVS da Amazônia são [OV], com V ocorrendo no meio ou no final da oração.

O objetivo aqui é discutir a existência desses padrões de ordem de constituintes considerados raros pela Tipologia Linguística, como o tipo em que o objeto inicia as sentenças, apresentar novas evidências gramaticais que apontam para uma análise de deslocamento do verbo para a posição medial ou segunda posição da oração e de como fatores de ordem discursiva, como a topicalização de constituintes, oferecem pistas para a explicação dos diversos padrões de ordem nas línguas da família, bem como pistas para a formulação de hipóteses diacrônicas sobre a ordem básica de constituintes no Proto-Karíb e seu reflexo ou desenvolvimento nas línguas Karíb atuais gramaticalmente descritas. Este artigo propõe, assim, uma discussão das propostas existentes acerca do tema, tanto as mais clássicas como as mais recentes, bem como um aprofundamento das questões já discutidas na literatura sobre as línguas Karíb, levando em conta novos dados advindos da descrição do Ikpeng, língua estudada e parcialmente descrita em Pacheco (2001).

### **Questões sobre a definição da ordem básica de constituintes**

Abaixo são apresentados os parâmetros que orientam a definição da ordem básica de constituintes e em seguida os que orientam a determinação das ordens derivadas (cf. MITHUN, 1987 e BRODY, 1984, entre outros):

Critérios definidores da ordem básica dos constituintes:

- a. ordem menos marcada pragmaticamente;
- b. entonação: sem marcação tonal ou pausas entre os constituintes;
- c. resposta à pergunta “O que aconteceu?”, de que resulta uma declaração que focaliza o evento como um todo;
- d. estatisticamente predominante;
- e. encontrada em sentenças iniciando textos/narrativas.

Critérios que orientam a determinação das ordens derivadas (não-básicas):

- a. são condicionadas pelo ambiente ou contexto pragmático-discursivo;
- b. há pausas entre os constituintes ou mudança de entonação que dá destaque ou enfatiza um constituinte específico;
- c. veiculam informação nova ou dada;
- d. são discursivamente variáveis, havendo apagamento de constituintes em línguas *pro-drop*. O apagamento em construções coordenadas segue o padrão *acusativo* (pivô: S/A, sendo que O não pode ser apagado) ou *ergativo* (pivô: S/O, sendo que A não pode ser apagado).

No entanto, apontamos alguns problemas com relação à definição da ordem básica

de constituintes na oração ou sentença em uma língua, conforme questões abaixo (cf. MITHUN, 1987, entre outros):

- a. Existem ordens não marcadas pragmaticamente?
- b. É possível abstrair uma ordem básica de constituintes, mesmo numa perspectiva modular/formal?
- c. A elicitação pode mascarar os resultados quando a pesquisa envolve falantes bilíngues?
- d. O contato linguístico e o bi/multilinguismo interfere na realização das ordens e em sua interpretação semântico-gramatical?
- e. Seria possível desvincular a ordem estrutural de constituintes da sua interpretação semântica e do uso discursivo que se faz dela?

Para responder às questões (a) e (b), temos a proposta de Hale (1992, p. 63) que, ao tratar de línguas com ordem livre de constituintes, afirma que a discussão se concentra em “an effort to develop a conception of Grammar and language which distinguish clearly between word order as a grammatical phenomena and word order as an aspect of language use and discourse”, distinção esta feita também por outros pesquisadores, como Dryer (1989, apud HALE, 1992, p. 63). Assumem-se esses dois níveis de representação ou análise para a ordem: um da esfera da gramática, ligada à semântica ou à lógica proposicional, e outra da esfera da pragmática, regida por fatores relacionados à ênfase ou saliência da informação veiculada pelos constituintes no uso discursivo-interacional da linguagem (cf. também MITHUN, 1987).

Quanto à questão (c), pode-se afirmar que a elicitação é necessária, mas não suficiente para determinar o que seria uma ordem menos marcada pragmaticamente, isto é, básica. Dados textuais ou coletados em situações interacionais podem contribuir imensamente para dirimir dúvidas em relação a esse aspecto linguístico. Coloca-se no item (d) o fato de as línguas emprestarem padrões gramaticais de línguas em contato longo e intermitente. Sabe-se que esse contato promove mudanças significativas no sistema gramatical como reinterpretar ordens frequentes nos discursos como básicas, espelhando o que ocorre estruturalmente em outra com a qual seus falantes mantêm muito contato (AIKHENVALD, 2000). Essas interferências podem ser interpretadas como difusão areal de traços, conforme assinalam Derbyshire (1987) e Derbyshire e Pullum (1981).

A questão (d) tem como pressuposto o modelo teórico adotado para tratar da ordem de constituintes em uma dada língua natural. Pode-se associar o posicionamento estrutural dos sintagmas a seus papéis semânticos ou separá-los em dois níveis distintos, o sintático e o semântico, deslocando a interpretação pragmático-discursiva para outro nível representacional. Em algum aspecto, semântica e sintaxe são processadas juntas nos modelos sintáticos disponíveis, funcionais ou formais, e a pragmática é posta em outro nível, relacionado ao uso e à interação, ou seja, a fatores extralinguísticos, sendo o linguístico meramente estrutural, neste caso.

## A existência de línguas OVS na Amazônia: análise clássica da questão

Vejam-se os dados apresentados por Debyshire e Pullum (1981) para demonstrar a existência de línguas OVS na Amazônia (aqui são apresentados os de apenas três línguas Karíb):<sup>2</sup>

- *Hixkaryana* (DEBYSHIRE; PULLUM, 1981)

- (1) kana yanimno biryekomo  
peixe ele-pegou-ele garoto  
'O garoto pegou o peixe'
- (2) kana yanimpira nahko biryekomo  
peixe não-pegando ele-estava garoto  
'O garoto não pegou o peixe'

- *Makuxi* (HODSDON, 1976 apud DEBYSHIRE; PULLUM, 1981)

- (3) yei ya'tî-'pî anna-ya  
árvore cortar-PasDist nós.exc-MS  
'Nós cortamos a árvore'

- *Bakairi* (WHEATLEY, 1973 apud DEBYSHIRE; PULLUM, 1981)

- (4) taroiri nodoque maca  
seu-arroz deixou ele.Temático-Focal  
'Ele deixou o arroz dele'
- (5) agueuane modo neuan para maunca  
falante Coletivo acreditar Neg ele.Atemát.Focal  
'Ele não acredita nos falantes'

A partir desses casos, elencamos algumas das questões apresentadas por Derbyshire (1985) e Derbyshire e Pullum (1981) sobre a existência da ordem básica OVS nas línguas da Amazônia:

- a. As línguas Karíb OVS parecem ter sido línguas SOV originalmente. Aliás, na família, essa é uma ordem bastante recorrente (cf. GILDEA, 1998 e 2000).
- b. A ordem OVS é a gramaticalização do uso do sujeito posposto ao predicado frequentemente empregada num estágio anterior como uma opção estilística (p.ex. para marcar a topicalidade). Este é um cenário razoavelmente plausível para o desenvolvimento diacrônico da ordem OVS.
- c. A posição do Objeto pré-verbal, iniciando sentenças, é uma característica areal, apesar de não haver uma explicação para tal fato. Esse padrão pode ter se difundido via

<sup>2</sup> Abreviaturas empregadas no artigo: **A**: sujeito de verbo transitivo; **Abs**: absolutivo; **Adjto**: adjunto; **Aux**: auxiliar; **Caus**: causativo; **Erg**: ergativo; **Exc**: primeira pessoa exclusiva; **Inc**: primeira pessoa inclusiva; **Loc**: locativo; **MS**: marca de sujeito; **Neg**: negativo; **O**: objeto de verbo transitivo; **P.Rem**: passado remoto; **Pas.Dist**: passado distante; **Rec**: recente; **Rem**: passado remoto; **S**: sujeito; **Sa**: sujeito de verbo intransitivo ativo; **So**: sujeito de verbo intransitivo inativo; **TAM**: tempo, aspecto, modo; **V**: verbo; **1**: primeira pessoa; **2**: segunda pessoa; **3**: terceira pessoa; **1+2**: primeira pessoa inclusiva. Observe-se que os rótulos **S**, **O**, **V**: sujeito, objeto e verbo são empregados ao se falar da Tipologia da Ordem.

contato, mas não há evidências para comprovação dessa hipótese (DERBYSHIRE; PULLUM, 1981).

- d. Essas línguas apresentam características de línguas V-inicial e Objeto pré-verbal: a tipologia OV com S-final & V-inicial (cf. DERBYSHIRE, 1985, p. 172-173). Note-se que antes do verbo apenas um constituinte (S ou oblíquo/adjunto) é permitido (isto é, pode ser deslocado). Segundo Derbyshire (1977, p. 598): “There is [...] a general constraint against a fronting movement of more than one element in a sentence, so that if a subject is fronted there will not also be a fronting of a peripheral element”, incluindo-se nesta categoria objetos indiretos, adverbiais e locativos, que usualmente precedem ou seguem a sequência inteira dos termos principais.
- e. Questões discursivas devem ser consideradas, pois a distribuição da informação dada e nova (tema-remática/tópico-comentário) podem interferir na ordem dos constituintes em Hixkaryana (DERBYSHIRE, 1985, p. 152). Assim, o constituinte que primariamente funciona como tema não marcado é o Sujeito, que normalmente segue o verbo e seu objeto. Assim, essa língua apresenta a seguinte distribuição: rema-transição-tema (o inverso do que Firbas propõe). Tem-se, assim, a seguinte hipótese: o que influencia diretamente a ordem sintática e temática é a concordância verbal com o Sujeito e com o Objeto. Isso permite a realização zero dos pronomes sujeitos e objetos. Assim, o tema não marcado ou tópico encontra-se marcado no verbo através de prefixos. Acrescente-se que o constituinte frontado para ênfase é frequentemente a informação nova (e remática). Mas pode ser também a informação dada ou com alto grau de tematicidade (tema marcado).
- f. A pesquisa (descrição e documentação) dessas línguas pode levar à descoberta de padrões raros e de possibilidades estruturais que somente na Amazônia podem ter sido desenvolvidas durante séculos de mudança histórica. Assim, o contato e o desaparecimento das línguas indígenas podem levar à perda desses padrões considerados importantes para se entender a diversidade linguística no planeta.

### **Novas perspectivas e questões em relação à ordem nas línguas Karíb**

Após apresentarmos as questões formuladas numa perspectiva mais clássica, propomos algumas outras, que surgiram a partir desta discussão, que classifico como novas perspectivas e questões, conforme mostrado a seguir.

#### **Ordem de constituintes: estudo comparativo**

Gildea (1998, p. 29) mostra, com relação à ordem básica de constituintes, que a ordem na oração transitiva varia principalmente entre OVA e AOV (embora haja VAO e AVO, como no Panare), Abs-V-Erg e não-configuracional. Exemplos de línguas do Conjunto I de Gildea (1998):

- (6) *Tiriyó* (Gildea, 1998, p. 64-65 – dados de Meira, c. p. [=comunicação pessoa])
- |   |                            |           |     |
|---|----------------------------|-----------|-----|
| 'pampira                                    | Ø-enee-ya-n                | yi-pawana | OVA |
| livro                                       | 3A-trazer-TAM-Evidencial   | 1-amigo   |     |
| 'Meu amigo está trazendo o livro'           |                            |           |     |
| yi-pawana                                   | n-enee-ya-n                | pampira   | AVO |
| 1-amigo                                     | 3A3O-trazer-TAM-Evidencial | livro     |     |
| 'Meu amigo está trazendo (todos) os livros' |                            |           |     |
- (7) *Wayana* (Gildea, 1998, p. 66 – dados de Tavares, c. p.)
- |                        |              |       |
|------------------------|--------------|-------|
| anakari akuri          | Ø-ene-Ø      | SOV   |
| Anakari cotia          | 3A-ver-TAM   |       |
| 'Anakari viu um cotia' |              |       |
| anakari                | n-ene-Ø      | S o-V |
| Anakari                | 3A3O-ver-TAM |       |
| 'Anakari a viu'        |              |       |
| n-ene-Ø                | anakari      | o-V S |
| Anakari                | 3A3O-ver-TAM |       |
| 'Anakari a viu'        |              |       |

Em sua descrição do Trio (ou Tiriyo), Carlin (2004, p. 480) descreve o mesmo padrão de ordem encontrado em (6). Mais detalhes estão em Gildea (2000) e Meira (1999).

### Configuracionalidade e não-configuracionalidade nas línguas Karib

As línguas não-configuracionais são línguas que não seguem os esquemas clássicos previstos pela Teoria X-barra proposta pela Gramática Gerativa. Segundo Hale (1983, apud RAPOSO, 1992, p. 235) existem universalmente dois tipos de esquemas sintáticos: o esquema X-barra, para as línguas configuracionais, como o português e o inglês; e o esquema “W\*” para as línguas não-configuracionais, nas quais há: a) ordem livre de constituintes; b) estrutura sintagmática sem níveis hierárquicos; c) ausência da categoria VP (*Verb Phrase*); d) expressões descontínuas; e) ausência de regras de movimento; f) frequente uso de pronomes nulos; e g) sistemas casuais ricos (cf. RAPOSO, 1992, p. 234-237).

Levando-se em conta as ordens discursivamente possíveis e a ordem gramaticalmente básica, temos quatro parâmetros a considerar no estudo dessa questão: i) a posição do verbo; ii) a existência do predicado como constituinte (O+V); iii) a posição relativa dos argumentos centrais (A e O); iv) a posição dos adjuntos. Dois comportamentos foram atestados em relação a esse parâmetro: 1) há um grupo de línguas em que O+V formam um constituinte com ordem relativamente rígida, não podendo ser intercalado por clíticos ou partículas, e quando o objeto é deslocado, marca-se morfologicamente no Verbo, conforme foi mostrado por Gildea (1998 e 2000); 2) há línguas nas quais V+O não formam um constituinte, como observei em Ikpeng e como ocorre em Panare, que permite a ordem VSO como menos marcada. Note-se que, em Ikpeng, V+S não aparecem separados por outros constituintes, apesar de o Sujeito poder ser apagado nos contextos em que ele é informação dada ou quando há co-referencialidade. Esse dado condiz com as afirmações de outros autores que pesquisam as línguas da família, indicando elementos para uma

proposta diacrônica que explique o que ocorre com relação às ordens sintáticas nessas línguas (GILDEA, 2000).<sup>3</sup>

### Fenômeno V2 (verbo em segunda posição) e línguas V-iniciais não rígidas

Em Ikpeng, não há possibilidade de mais de um constituinte ocorrer na posição pré-verbal. Em Hixkaryana, somente um constituinte pode ser deslocado para a esquerda, conforme afirma Derbyshire (1977). Isso pode explicar por que o Ikpeng, em que o Verbo obrigatoriamente ocorre em segunda posição, permite apenas um constituinte, geralmente marcado pragmaticamente, antes dele. Esse comportamento é encontrado também com relação ao Auxiliar, que ocorre em segunda posição. Vejam-se os dados abaixo:<sup>4</sup>

#### i) Verbo em primeira posição

(8)	a. <b>y-aginum-li</b> 3So-chorar-REC 'O menino chorou logo cedo'	angpi menino		kirĩmnole cedo
	b. <b>y-aginum-li</b> 3So-chorar-REC	kirĩmnole cedo		angpi menino
	c. <b>Ø-aranme-li</b> 3Sa-correr-REC 'O menino correu logo cedo'	angpi menino		kirĩmnole cedo
	d. <b>Ø-aranme-li</b> 3Sa-correr-REC	kirĩmnole cedo		angpi menino
	e. <b>Ø-eneng-li</b> 3A3O-ver-REC 'O rapaz viu a onça cedo'	pomri rapaz	akari onça	kirĩpnole cedo
	f. <b>Ø-eneng-li</b> 3A3O-ver-REC	pomri rapaz	kirĩpnole cedo	akari onça

#### ii) Verbo em segunda posição

(9)	a. angpi menino	<b>y-aginum-li</b> 3So-chorar-REC		kirĩmnole cedo
	b. kirĩmnole cedo	<b>y-aginum-li</b> 3So-chorar-REC		angpi menino
	c. angpi menino	<b>Ø-aranme-li</b> 3Sa-correr-REC		kirĩmnole cedo
	d. kirĩmnole cedo	<b>Ø-aranme-li</b> 3Sa-correr-REC		angpi menino

<sup>3</sup> Em relação a isso, Gildea (2000, p. 67) assinala que pouca atenção tem sido dada para a possibilidade de diferentes construções em uma dada língua poderem apresentar o que designa “configuracionalidade cindida”, ou seja, de diferentes construções apresentarem diferentes estruturas de SV (sintagma verbal).

<sup>4</sup> Note-se, na transcrição dos exemplos em Ikpeng, que: ĩ = [i]; ng = [ŋ]; y = [j]; w = [β]. Os demais símbolos correspondem aos valores fonéticos constantes no IPA.

e. pomri	<b>Ø-eneng-lĩ</b>	akari	kĩrĩmnole
rapaz	3A3O-ver-REC	onça	cedo
f. pomri	<b>Ø-eneng-lĩ</b>	kĩrĩmnole	akari
rapaz	3A3O-ver-REC	cedo	onça
g. kĩrĩmnole	<b>Ø-eneng-lĩ</b>	pomri	akari
cedo	3A3O-ver-REC	rapaz	onça

As orações nas quais o verbo não ocorre em primeira ou segunda posição são consideradas agramaticais pelos falantes (cf. PACHECO, 2001).

Por meio de testes envolvendo a posição do verbo auxiliar, confirmou-se que essa categoria ocorre sempre em segunda posição, comprovando que o Ikpeng apresenta comportamento de língua V-2, pois o verbo ou outro elemento que carrega a flexão (no caso, o auxiliar) ocorre em segunda posição, apesar de o verbo também poder ocorrer em primeira, quando os SNs são informações dadas (pressupostas) e não há nenhuma informação importante iniciando a sentença (como os circunstanciais). Note-se que esse mesmo comportamento foi observado em textos narrativos:

- (10) a. arami\_wa **imro** yokore petkom ĩna  
olhar\_NEG 3-AUX Iokoré mulher para  
‘Iokoré não olhou para a mulher’
- b. yokore **imro** arami\_wa petkom ĩna  
Iokoré 3-AUX olhar\_NEG mulher para  
‘Iokoré não olhou para a mulher’
- c. kĩrĩmnole **imro** yokore arami\_wa petkom ĩna  
Cedo 3-AUX Iokoré olhar\_NEG mulher para  
‘Cedo, Iokoré não olhou para a mulher’

Portanto, quando o verbo transitivo ocorre com seus dois argumentos realizados, é comum encontrá-lo em segunda posição. Em testes envolvendo a pergunta “O que foi (que aconteceu)?”, a ordem encontrada foi *AVO* (cf. 11a e 11b). No entanto, ao se fazer a pergunta “Quem pegou a (minha) caneta?”, a ordem encontrada é a mesma (cf. 11c e 11d):

- (11) a. arato ‘O que foi (que aconteceu)?’  
b. yokore anum-lĩ ĩ-kaneta-n ‘Iokoré pegou a minha caneta’  
c. onok anum ĩ-kaneta-n ‘Quem pegou minha caneta?’  
d. yokore anum-lĩ a-kaneta-n ‘Foi Iokoré que pegou a tua caneta’

O que está diferenciando formalmente as respostas (11b) e (11d) é a prosódia (curva entonacional, acento de altura etc.). Há de se considerar que o próprio contexto envolvendo o ato comunicativo é um fator determinante na diferenciação das duas respostas. É por esse motivo que não podemos afirmar que a língua seja rigidamente V-inicial, em termos tipológicos (cf. TOMLIN, 1986). O que parece estar ocorrendo é que estamos diante de



uma língua V-inicial não rígida, com características de uma língua V-2 (sobre as línguas V-2, cf. RAPOSO, 1992, entre outros).<sup>5</sup>

Note-se, como nas demais línguas V-iniciais não-rígidas (cf. TOMLIN, 1986), que os constituintes (S, A, O e ADJTOs) em posição pré-verbal estão pragmaticamente marcados e que a ordem menos marcada seria *V-A-O-ADJTO/V-S-ADJTO*.

### **Movimento do predicado [OV] para a posição inicial: hipótese sustentada por Bruno (2005)**

O processo de movimento do predicado OV para a posição inicial proposto para o Waimiri por Bruno (2005) oferece evidências para entender o que ocorre com as línguas em que o objeto aparece em posição inicial da sentença.

**Tabela 1: Frequência de ocorrências de cada ordem oracional em textos Waimiri Atroari (adaptada de Bruno, 2005, p. 19)**

Ordem	Frequência	Considerações sintáticas
SOV	42	Ordem básica. Baseada em três fatores: frequência; simplicidade descritiva; aspectos pragmáticos (informação dada e nova). Ordem preferencial (espontânea)
SV	25	Intransitiva: mais frequente
OVS	10	Movimento do VP inteiro para a posição de tópico (iniciando sentenças)
SVO	8	Movimento do verbo para segunda posição
OSV	5	Movimento do objeto apenas: topicalização. S e V <i>in situ</i>
VS	5	Intransitiva: menos frequente. Motivo: V-inicial.

Vejam-se os dados que demonstram o que expomos acima.

- (12) a. *impa tahkome ipia-pa            ianana xirikiki   baka        taka*  
       então velhos   encontrar-P.Rem Ianana periquitos   bater/matar Alativo  
       ‘Então Ianana encontrou os mais velhos matando periquitos’
- b. *impa tahkome bake-pa            ianana ebapy tapary*  
       então velhos   bateu/matou-Rem Ianana olho Loc  
       ‘Então Ianana bateu nos mais velhos em seus olhos’
- c. *maryma kra h-yn-iany*  
       piranha eu 1A-comer-T/A  
       ‘Eu estou comendo piranha’
- d. *maryma aa-imii   i-ki-piya*  
       piranha 1-mão 3O-machucou-TAM  
       ‘A piranha machucou minha mão’ (GILDEA, 1998 – BRUNO, c. p.)

Eu acrescentaria que houve mais do que uma possibilidade de re-ordenamento dos constituintes nas línguas descendentes do Proto-Karíb, reconstruída como SOV. Em algumas situações, desloca-se o sintagma verbal (=V+O) inteiro. Em outras, move-se V e O

<sup>5</sup> Para mais detalhes sobre a posição do Ikpeng na tipologia das línguas V-iniciais, consultar Pacheco (2001, p. 235-241).

separadamente. E há aquela(s) na(s) qual(is) se move apenas V, deixando o Objeto *in situ*. Este é o caso do Ikpeng, segundo minha análise (cf. PACHECO, 2001, que também propõe uma análise diacrônica nos moldes clássicos). Note-se que algumas dessas possibilidades são exploradas por Gildea (2000, p. 70) numa perspectiva mais funcionalista.

### **A tipologia de Dryer (1997) e a ordem básica nas línguas Karíb**

As características que ligam o Hixkaryana à tipologia da ordem OVS podem ser melhor explicitadas adotando-se os parâmetros de ordem propostos por Dryer (1997), que agrupa as línguas, do ponto de vista da ordem de constituintes, em línguas VS e SV; OV e VO, explicando a ordem das orações transitivas e intransitivas através de um único parâmetro. Assim, essa língua seria VS&OV. Isso explica o deslocamento do Sujeito para a posição pré-verbal (sendo a posição básica pós-verbal), Objeto pré-verbal e ambos pré-verbalmente. Acrescente-se que há, segundo Pacheco (2001) demonstra, a possibilidade de movimento do Verbo para a segunda posição, deixando o objeto *in situ* ou movendo-o também, opcionalmente, por questões de ênfase. Note-se que esses parâmetros, empregados para explicar as restrições sobre a ordem nas línguas Karíb OVS, precisam ser melhor explorados, devendo-se testar todas as possibilidades de ordens pragmaticamente permitidas nesse tipo de língua.

### **Marcação pragmática, prosódia e morfologia verbal**

Um dos parâmetros a serem empregados para a investigação da ordem é o tipo de marcação prosódica no sintagma verbal, conforme relata Gildea (2000, p. 93). Determinar prosodicamente se um constituinte está separado dos demais é uma pista importante para definir a ordem marcada. A morfologia também é um recurso essencial. Partículas de segunda posição são marcas importantes para identificar o constituinte mais marcado pragmaticamente e há, em algumas línguas da família, um prefixo *n-* no verbo, indicando o deslocamento ou apagamento do objeto verbal. No entanto, esses aspectos, por questão de espaço, não poderão ser mais explorados aqui, apesar de importantes para a determinação das ordens e de seus usos informacionais (sua pragmática). Um bom panorama do assunto está em Gildea (2000).

### **Considerações finais**

Levantam-se aqui alguns aspectos a serem considerados na continuação da pesquisa sobre esse tema:

- A documentação das línguas Karíb precisa urgentemente ser articulada, pois devido ao contato acentuado com os dialetos de línguas europeias, geralmente do tipo SVO, o comportamento linguístico dos falantes pode ser alterado. É por esse motivo que as pesquisas devem se concentrar, prioritariamente, no conhecimento dos falantes mais velhos.
- A investigação pragmática deve ser realizada quando a gramática da língua estiver sendo pesquisada. Sem essas informações, é difícil entender o processo da ordem e outros fenômenos gramaticais, que não ocorrem separados de seus contextos de uso.

- A comparação das diversas possibilidades de ordenamentos sintáticos encontradas nas línguas Karíb particulares deve ser feita para que se possa entender os mecanismos de mudança e evolução histórica da ordem sintática, bem como a origem dos sistemas de marcação de caso, verificando-se as várias possibilidades (cisões) encontradas no nível gramatical.
- Finalmente, é preciso avançar no estudo de outras línguas ameríndias, pois muitas das propriedades encontradas numa família são atestadas em outras famílias e troncos, o que pode indicar algum grau de contato entre elas no passado, interferência areal ou mesmo uma possível origem comum.

Nosso objetivo aqui foi traçar, a partir das pesquisas realizadas sobre algumas línguas Karíb, um panorama sobre a posição do verbo e sua relação aos termos centrais da oração básica, que pode formar ou não um constituinte com o objeto oracional, apontando para novas análises desse padrão raro de ordenamento, o tipo OVS. Essas estruturas podem ser reinterpretados a partir de soluções sintáticas, que envolvem deslocamentos de sintagmas nominais (DPs) e adjuntos para posições pragmaticamente relevantes, explicando, pelo menos num primeiro momento, o reordenamento sintático provocado pelas pressões do uso discursivo-interacional, assumindo-se que o fenômeno precisa ser investigado em duas direções: uma sintática (mais estrutural) e outra pragmática (mais extralinguística), conforme apontou Hale (1992). Falta, contudo, avançar numa análise mais histórico-comparativa das línguas da família, como vem fazendo Gildea (2000), procurando compreender como ocorreu a evolução das ordens básicas nas línguas Karíb modernas a partir de uma ordem básica no Proto-Karíb, que parece ter apresentado o tipo SOV como não-marcado. Estágios intermediários no desenvolvimento diacrônico, bem como as motivações funcionais que determinam essas mudanças continuam sendo, ainda, o cerne da questão em qualquer língua ou grupo delas e devem ser o alvo de novas pesquisas sobre esse tema nas línguas da família.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIKHENVALD, S. *Language contact in Amazonia*. Oxford: Oxford University Press, 2000. 363 p.
- BRODY, J. Some problems with the concept of basic word order. *Linguistics*, Berlin, v. 22, p. 711-736, 1984.
- BRUNO, A. C. A brief discussion of topicalization in Waimiri Atroari. *Raízes da Amazônia*, Manaus: INPA, v. 1, p. 15-34, 2005.
- CARLIN, E. *A grammar of Trio: a Cariban Language of Surinam*. Frankfurt: Peter Lang, 2004. 549 p.
- DERBYSHIRE, D. Word order universals and the existence of OVS languages. *Linguistic Inquiry*, Cambridge-MA, v. 8, p. 590-599, 1977.
- \_\_\_\_\_. A diachronic explanation for the origin of OVS in some Carib languages. *Journal of Linguistics*, Cambridge, v. 17, p. 209-220, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Hixkaryana and Linguistic Typology*. Dallas: SIL/The University of Texas at Arlington, 1985. 263 p.

\_\_\_\_\_. Morphosyntactic areal characteristics of Amazonian languages. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 53, p. 311-326, 1987.

\_\_\_\_\_. Carib. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (Orgs.) *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 22-64.

\_\_\_\_\_; PULLUM, G. K. Object initial languages. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 47, p. 192-214, 1981.

DRYER, M. S. On the six-way word order typology. *Studies in Language*, Amsterdam, v. 21, p. 69-103, 1997.

GILDEA, S. *On reconstructing grammar: comparative Cariban morphosyntax*. Oxford: Oxford University Press, 1998. 284 p.

\_\_\_\_\_. On the genesis of the verb phrase in Cariban Families. In: GILDEA, S. (Org.) *Reconstructing Grammar: comparative linguistics and grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2000. p. 65-105.

GREENBERG, J. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: \_\_\_\_\_. (Org.) *Universals of language*. Cambridge: MIT Press, 1966. p. 73-113.

HALE, K. Basic word order in two 'free word order' languages. In: PAYNE, D. (Org.) *Pragmatics of word order flexibility*. Amsterdam: John Benjamins, 1992. p. 63-82.

KEENAN, E. L. Remarkable subjects in Malagasy. In: LI, C. N. (Org.) *Subject and Topic*. Nova York: Academic Press, 1976. p. 247-301.

MEIRA, S. *A grammar of Tiriyó*. 1999. 650 f. Tese (PhD em Linguística. Área de Concentração: Linguística). Rice University, EUA.

MITHUN, M. Is basic word order universal? In: TOMLIN, Russel (Org.) *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1987. p. 281-328.

PACHECO, F. B. *Morfossintaxe do verbo Ikpeng (Karib)*. 2001. 303 f. Tese (Doutorado em Linguística. Área de Concentração: Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

RAPOSO, E. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992. 527 p.

RODRIGUES, A. D. *Linguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986. 136 p.

PULLUM, G. K. Word order universals and grammatical relations. In: COLE, P.; SADOCK, J. M. (Orgs.) *Syntax and Semantics*, v. 8. Nova York: Academic Press, 1977. p. 249-277.

TOMLIN, R. S. *Basic word order: functional principles*. Londres: Croom Helm, 1986. 308p.